



Do primeiro rabisco até o be-a-bá

Ana Chrystina Venancio Mignot

Professora adjunta do
Programa de Pós-Graduação em Educação/
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Pesquisadora do CNPq
acmignot@terra.com.br
acmignot@pesquisador.cnpq.br

Cadernos escolares evocam um dos *lugares autobiográficos*¹ cada vez mais comuns às últimas gerações – a escola. Capas, contracapas, exercícios de cópia, de caligrafia, ditados, cálculos, desenhos, cartografias, e até mesmo as avaliações dos professores, permitem compreender sua importância na história de vida de cada um e de todos. Esquecidos, muitos deles permanecem guardados em arquivos pessoais, refúgios da escrita ordinária, da escrita infantil e, particularmente, da escrita escolar.

Como tantos pesquisadores, os historiadores da educação têm se defrontado com a urgência de preservar acervos escolares e, nesta tarefa, se vêem desafiados a enfrentar questões teóricas e práticas sobre a salvaguarda de documentos, que se traduzem em diálogos fecundos

¹ Ver KOTRE, John (1997). Para o autor, os lugares autobiográficos são aqueles que evocam as experiências vividas, como a casa dos pais, uma cidade onde se morou ou a escola, por exemplo.

com arquivistas e bibliotecários a respeito das técnicas de seleção, classificação e descarte.² Os cadernos escolares, no entanto, ainda são raros nas instituições públicas que guardam a memória coletiva e estão a exigir ações efetivas que tragam à cena a necessidade de sua preservação. Para tanto, precisam ser retirados da invisibilidade.

Apesar de pouco se publicar sobre o tema,³ exposições de cadernos escolares têm contribuído para reverter a situação de destruição e abandono dos cadernos que contrasta com o cuidado despertado pelos livros, sagrados e guardados. Por ocasião do *Convegno Internazionale Quaderni di Scuola*, realizado na Universidade de Macerata, em 2007, foram realizadas três exposições: *I quaderni di scuola nel Novecento: la produzione industriale di Cartiere Paolo Pigna*

² A respeito das recentes estratégias de preservação da memória escolar, consultar VIDAL, Diana Gonçalves (2000).

³ Alguns artigos e capítulos de livros sobre o tema devem ser registrados, como por exemplo: JULIA, Dominique. (1995), PERRENOUD, Philippe. (1995), HÉBRARD, Jean. (2001), OSSANA, Edgardo (2002) e CHARTIER, Anne-Marie. (2002). Dentre as publicações sobre cadernos escolares, destacam-se dois livros de Silvina Gvirtz, publicados em 1997 e 1999, na Argentina. Algumas edições de luxo sobre cadernos escolares publicadas na França por Rachel Grunstein e Jérôme Pecnard: *Chers cahiers* e *Nos cahiers d'enfance*, organizados em coleção com duas caixas de três volumes: *Cahiers de réitations*, *Cahiers de cancrs* e *Cahiers de morales* e, ainda, *Cahiers de l'école rurale*, *Cahiers d'écriture* e *Cahiers de géographie*, por Rachel Grunstein, Henry Merou e Rachel Grunstein, além de *Nos cahiers de la République*, por Henry Merou em co-autoria com Suzanne Bukiet. Temos, ainda no prelo, os livros resultantes do *Convegno Internazionale Quaderni di Scuola* que reunirão os textos de autores de várias nacionalidades que analisam as coleções de cadernos escolares, o caderno escolar como instrumento de propaganda e instrumento de comunicação de massa, o caderno como fonte para estudo da história da língua, o caderno como fonte para estudo da didática e da história da educação escolar, o caderno escolar e a escritura infantil, o caderno como fonte para a história editorial escolar, o caderno como fonte para a história da ilustração, enfim, o caderno como fonte complexa para a compreensão da cultura escolar. No Brasil, foi lançada recentemente uma coletânea organizada por Ana Chrystina Venancio Mignot – *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*,³ que traz a reflexão de pesquisadores brasileiros, espanhóis, argentinos e portugueses, que examinam a produção, circulação e usos deste suportes da escrita escolar, como um olhar investigativo sobre esta fonte/objeto até então negligenciada pelos pesquisadores.

(Cartiere Paolo Pigna S.p.A., Itália) ; *Tra banchi e quaderni*, com a curadoria de Paolo Ricca (da Associazione 'Il salotto verde', Itália) e *Les cahiers des écoliers du monde. Un cahier d'écolier qui apprend à écrire de chaque pays du monde*, com a curadoria de Henry Merou (Association *En marge des cahiers*, França).⁴ A primeira mostra privilegiou a presença de uma importante empresa caderneira italiana, responsável pela produção de belos cadernos escolares, na qual foram destacados os avanços tecnológicos que informam e conformam a fabricação destes objetos escolares. Paolo Ricca, por sua vez, reuniu uma belíssima coleção com cerca de mil cadernos de distintas regiões da Itália, que permitem compreender como os períodos históricos nos quais foram produzidos e utilizados, se expressam nas próprias capas e contracapas que procuravam disseminar crenças, valores, ideologias e condutas socialmente aceitas e desejáveis. Apoiada pela Unesco e financiada pelo Ministério da Educação da França e pela Aliança Francesa, na última delas, de natureza itinerante, os cadernos reunidos em todo o mundo, resultam de inúmeras viagens e têm características universais, segundo o curador: são testemunhos de todas as aprendizagens de escrita e de todos os saberes.

No Brasil, no entanto, não se tem notícias de uma exposição sobre cadernos escolares. Os cadernos aqui reunidos por historiadoras da educação, especialistas em currículo e formação de

⁴ Ver <http://zope.unimc.it/quadernidiscuola>, Exposições com a curadoria de Henry Merou e Paolo Ricca (<http://www.touslescahiers.com/> e <http://zope.unimc.it/quadernidiscuola/mostre/mostra3>, respectivamente).

professores, de várias universidades de diversas regiões do país,⁵ produzidos e utilizados desde o início do século XX até os dias atuais, sugerem tanto as mudanças na materialidade do objeto, como nas práticas pedagógicas, na aprendizagem e exercício da escrita e nos valores transmitidos. Ao lado deles, utensílios da escrita – lápis, borrachas, penas, canetas, tinteiros e apontadores – expressam também o gradativo aumento da intimidade com o universo da escrita.⁶

Objetivando retirar estes objetos gráficos da zona de penumbra dando visibilidade aos mesmos, os textos deste catálogo, discutem este suporte da escrita escolar, em sua articulação com a vida dos alunos, professores e até dos idealizadores dos cadernos escolares. Articulados em torno de três núcleos mais amplos – traços de histórias d(e) vidas; aprendizagem e exercício da escrita de si; e, percursos de formação na escrita autobiográfica – os temas e abordagens se entrecruzam, se tocam, se interpenetram.

Dentro do primeiro, as autoras privilegiam as biografias edificantes de personagens exemplares estampadas nas capas dos cadernos escolares, a trajetória profissional de um autor de caderno de cartografia, a história de uma cidade e de seus benfeitores em álbuns de pesquisa,

⁵ Participam desta exposição *Não me esqueça num canto qualquer* que integra a programação do III Congresso Internacional Sobre Pesquisa (Auto) Biográfica, em Natal, de 14 a 17 de setembro de 2008, com os cadernos recolhidos e seus textos, pesquisadores de diversas universidades e Programas de Pós-Graduação em Educação do país: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), instituição da curadora, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Tiradentes, Universidade do Estado da Bahia, Universidade do Estado de Minas Gerais, Universidade de São Paulo, Universidade da Cidade de São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo, Universidade do Estado de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal de Pelotas.

⁶ Sobre as exposições sobre escrita ordinária e escolar, consultar MIGNOT (2006).

as marcas da imigração inscritas em cadernos durante a aprendizagem de uma nova língua e de uma nova cultura, as semelhanças entre um caderno que disseminava o modelo civilizador presbiteriano norte-americano, com os manuais escolares, ou as narrativas de professores sobre suas experiências escolares, provocadas pelo simples ato de rever fotografias que tratam do ingresso no universo das letras.

Enquanto folheava os cadernos da *Coleção Cívica* produzida pela centenária Casa Cruz, em meados da década de 1930, Ana Chrystina Venancio Mignot se deteve nas capas e contracapas – repletas de símbolos pátrios, heróis nacionais e suas biografias edificantes – nas quais era destacada a importância que determinados personagens desempenharam na construção da nacionalidade. A seleção dos biografados, seus feitos e fatos que os consagraram, para ilustrar a referida coleção, não era neutra e deixa entrever que os cadernos eram objetos escolares em cuja materialidade se pretendia também despertar e cultivar o amor à pátria. Imagens e textos nelas exibidos sugerem serem estes os homens que deveriam ser seguidos, imitados, cultuados pelas gerações de estudantes brasileiros. Este é o enfoque do artigo “Lições de vida entre capas e contracapas”.

Os continentes e as principaes potencias: exercicios praticos de cartographia esquematica (1934) elaborado por Carlos Delgado de Carvalho, composto de cem folhas de papel de desenho macio sob formato brochura, que possui uma variedade de mapas do Brasil e dos cinco continentes é o objeto de estudo de Patrícia Coelho, no texto que tem um sugestivo título:

“Contornando o Brasil a lápis: uma proposta de Delgado de Carvalho para o ensino de cartografia”. Crítico dos métodos de ensino de seu tempo, o autor do caderno utiliza a introdução não só para apresentar este recurso pedagógico inovador como para convencer nossos mestres da importância da aprendizagem do mapa do país por estudantes, pois, para ele, só assim estariam contribuindo para a construção do Estado Nacional brasileiro. Neste aspecto, o intelectual se utiliza de exemplos da didática praticada nas escolas francesa e inglesa, o que deixa transparecer não só sua ativa participação no processo de institucionalização da geografia como disciplina autônoma entre nós, como características de sua própria trajetória intelectual. A autora assinala que, sendo doutor de formação francesa, Delgado de Carvalho só conheceu o país em 1906, aos 23 anos de idade, quando veio elaborar sua tese de doutoramento. Jamais voltou a viver na Europa. Participante ativo do movimento da Escola Nova e professor dos primeiros cursos universitários de História e Geografia realizou um caminho pouco comum entre os intelectuais de sua geração, que sonhavam em viver na Paris deixada por ele. O caderno de cartografia como objeto desta pesquisa contribui não só para os estudos acerca da História da Geografia e das disciplinas escolares, como da vida deste intelectual que, ainda que tenha dado grande contribuição para o desenvolvimento do nosso campo científico, a história pouco espaço lhe reservou.

Em “‘Nossas Lições de Geografia e História’: escola e cidade no álbum de pesquisa”, Antonia Simone Coelho Gomes toma um caderno escolar produzido por alunos. Trata-se de um documento precioso que, segundo a autora, traz à tona produções que registram através das diferentes

modalidades textuais, dimensões da vida na cidade de Carangola. Nele, há uma preocupação em registrar a história da Escola Estadual Melo Viana desde a época de sua inauguração contando sobre a vida do patrono, intercalando com fotos dos fundadores e da diretora da época. Esse caderno de pesquisa escolar faz parte de um conjunto composto por 50 álbuns que são produto de atividades desenvolvidas nos Clube de Leitura nas décadas de 1930 e 1940 e faziam circular as idéias e os comportamentos que vieram inscrever mais tarde, a escola no imaginário coletivo dos alunos. Em cada página encontra-se um texto produzido por um aluno, resultando numa produção coletiva. A cidade foi sendo desvelada em suas particularidades, valorizada sua cultura local, revelada através das fotos e pela história de seus benfeitores. Os autores expressavam em vários momentos os seus interesses, seu cotidiano, suas necessidades, deixando suas marcas pessoais.

Os cadernos escolares são vistos de um modo muito original por Zeila de Brito Fabri Demartini, no texto “Nos cadernos, as marcas da imigração”. Para ela, a presença de grupos de diferentes origens sócio-étnico-culturais em terras paulistas marcou o campo educacional em muitos aspectos, tanto na distribuição e características das escolas como, principalmente, na convivência de modelos e orientações ideológicas, teóricas e pedagógicas diversas em um mesmo tempo e *lôcus*. Os cadernos escolares de crianças que freqüentaram as diferenciadas escolas paulistas registram as marcas da cultura escolar eurocêntrica que o Estado procura impor a todos, mas também as especificidades e resistências de cada grupo. Os escritos das crianças constituem registros autobiográficos de seus processos de formação escolar, permeados pelas teias de

significados atribuídos pelos respectivos grupos à escola, suas formas de preservação da cultura própria, dos vários nacionalismos, assim como as tentativas de inserção na sociedade mais ampla. Através deles pode-se observar, ao lado da cultura escolar eurocêntrica hegemônica, o modelo escolar oriental diferenciado das escolas japonesas, as resistências ao apagamento das tradições e culturas nas escolas germânicas, italianas, indígenas; ou seja, permitem apreender a complexidade constituinte do campo educacional.

Voltada para o caderno de Lydia Pereira César Galvão, datado de 1914, ex-aluna e ex-professora do Instituto Ponte Nova, colégio secundário fundado em 1906, na cidade baiana de Wagner, por missionários presbiterianos norte-americanos, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, o considera semelhante a um manual do professor, pois traz as prescrições para as futuras professoras, tanto da escola como das escolas paroquiais da Missão Central do Brasil, sobre o currículo, programa com desenhos explicativos e bibliografia das disciplinas, além de informar os equipamentos escolares, horário modelo das aulas, a maneira que as professoras deveriam dar aula, como deveriam portar-se, como corrigir os alunos, dentre outras determinações. Sem capa e, provavelmente, faltando suas primeiras páginas, o caderno do último ano do curso normal é composto por textos – pontos – que prescreviam a maneira como a futura professora deveria expor o conteúdo de cada disciplina. Nele estão representadas as práticas de ensino organizadas segundo o modelo pedagógico adotado pela instituição. O caderno de pontos traz as disciplinas que compunham o ensino primário oferecido pela instituição, juntamente com o

conteúdo de cada uma delas, e os respectivos livros que deveriam ser adotados. Descreve o modo como a professora deve conduzir as aulas, além de trazer um horário modelo para as futuras escolas abertas pelas novas professoras, agentes difusores do modelo educacional presbiteriano implementado. Em “O caderno de Lydia: práticas de formação de uma escola presbiteriana”, a autora desvela práticas culturais, que permitem elucidar um pouco sobre as práticas educacionais que circularam na escola que formou gerações de professoras cristãs, de acordo com o modelo civilizador presbiteriano norte-americano.

Nilda Alves, por sua vez, afirma que entre as lembranças que um grupo enorme de pessoas possui de escolas – pelo menos no *espaçotempo* urbano – estão presentes dois tipos de fotografias tiradas no seu ‘tempo de escola’ por fotógrafos profissionais que tinham ‘licença’ para fazê-las: aquela das turmas com a professora do ano e uma outra na qual cada um está sentado à frente de um painel e atrás de uma mesa escolar, sobre a qual se colocava um caderno ou um livro. Para a autora, em “Fotografias posadas como lembrança: cadernos e companhia”, a análise dos elementos fotografados nos dá a possibilidade de compreender a época vivida com seus valores. A ‘conversa’ com as pessoas fotografadas permite fazer surgir a memória ligada aos artefatos culturais presentes. A série organizada, para este artigo, permite acompanhar uma possível história das escolas ligadas à materialidade das mesmas, mas também dos valores sobre a formação daqueles que a freqüentavam.

Um segundo conjunto de textos está centrado no aprendizado e exercício da escrita de si, permitindo observar que a escola tem sido um espaço privilegiado para o indivíduo aprender, por meio da escrita, a se conhecer e a se dar a conhecer.⁷ A partir de múltiplos olhares, as autoras indicam que nos cadernos escolares são encontradas inúmeras tarefas que ensinam a pensar e a escrever sobre a própria vida.

“Traçar letras, palavras e números: caligrafar gestos da escrita e da vida” é o título do texto escrito em colaboração por Maria Helena Camara Bastos e Maria Stephanou. As autoras entendem que a caligrafia, ou o desenho de letras, palavras, números, é uma técnica que ensina as diferentes formas de escrita – cursiva, *script*, gótica, etc., que possibilitam o ato de escrever. A prática da caligrafia, primeiro estágio para o ensino da escrita, busca aperfeiçoar e afinar os sentidos da mão e a ortopedia do corpo, condições fundamentais para desenvolver hábitos de ordem, disciplina e estética do texto. É um processo de regulação da escrita como, também, de regulação do corpo e de instrumentalização do social. O estudo analisa dois conjuntos de cadernos de caligrafia de Gladis Renate Weimer, estudante de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O primeiro é composto de cadernos destinados à alfabetização em alemão, aprendizado sob orientação de professora particular. O outro, em português, de 1953, é composto dos cadernos utilizados no curso primário de tradicional escola da capital, privada, o Colégio Farroupilha, fundado em 1886. A análise detém-se no exame da materialidade dos cadernos, dos processos de didatização do

⁷ Ver análises dos cadernos escolares guardados em arquivos pessoais em MIGNOT, A.C.V. (2003).

ensino da caligrafia e, portanto, da escrita, os temas de escrita e de complexidade dos traçados, assim como da produção de um determinado modo de ser e portar-se diante do ato de escrever, particularmente como atributo imprescindível do sujeito que vive a experiência do processo de escolarização.

A reflexão de Eliane Peres – “Marcas da infância em cadernos escolares de crianças em processo de alfabetização” – é desenvolvida a partir de 72 cadernos escolares de crianças em processo de alfabetização pertencentes ao acervo do grupo de pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares), ligado ao PPGE da FaE/UFPel, da década de 1940 até os anos 2000, recolhidos em várias cidades do Rio Grande do Sul, embora o maior número seja da cidade de Pelotas. O principal objetivo do estudo é enfatizar “marcas” da infância nesse material, entrecruzando três campos de estudos: o da história da alfabetização (cultura escrita), o da infância, e o da cultura material escolar (cadernos escolares). O foco de análise centra-se tanto na materialidade do objeto (tamanho, capas, tipo de papel, gravuras, etc.), quanto nas produções “espontâneas” ou “dirigidas” das crianças, como, por exemplo, desenhos, adesivos, colagens, pensamentos, expressões, carimbos, etc. A questão mais geral do estudo, qual seja, quais são as “marcas” da infância em cadernos escolares de alfabetização, desdobra-se em outras tantas: quais *infâncias* são reveladas nos cadernos ao longo de seis décadas? Quais mudanças e/ou permanências são perceptíveis em relação à infância nesse período? Como as crianças são representadas e se representam nesse material? Há diferenças entre cadernos de meninos e de

meninas? Há diferenças na materialidade desse objeto ao longo do tempo? Procura, assim, extrair do material, de forma articulada e comparativa, como as crianças em processo de alfabetização “se dizem” em um dos suportes mais importantes da cultura escolar – os cadernos; em especial na fase inicial da escolarização: a da alfabetização.

Um caderno escolar, do primeiro ano do então chamado “Curso Primário”, guardado por Marília Claret Geraes Duran ao longo de meio século, numa simples caixa de papelão, permitiu recuperar fragmentos do trabalho que se desenvolvia, no campo da alfabetização, num tradicional Colégio de São Paulo e que completou seu centenário em novembro de 2007 – o Colégio de Santa Inês. Entre as folhas amareladas do caderno ilustrado, pode-se ler, em escrita a lápis com letra cursiva e inclinada uma série de frases de cunho religioso que visavam moldar a mulher, segundo os preceitos da Igreja Católica. O caderno escolar, compondo a narrativa da instituição escolar, num determinado tempo histórico, portador que é de suas marcas identitárias, traz sua vinculação com o ambiente histórico social e suas relações com personagens que interagem com ele. Nessa perspectiva, lendo e relendo as páginas do caderno escolar – esse dispositivo escritural, a autora analisa seu conteúdo em “*Rezar é bom: traços da educação católica*” e discute, num contexto autobiográfico, determinadas práticas escolares, particularmente os valores cultivados em uma dada educação feminina.

Maria Teresa Santos Cunha e Gladys Mary Teive Auras analisam, em “Da mão sobre o papel: atos de escritas em cadernos escolares”, dois cadernos escolares produzidos por alunos de

escolas públicas de Florianópolis (SC) em diferentes temporalidades (1933 e 1995). Estes objetos, ícones da cultura escolar, permitem mostrar diferentes formas do registro escrito que a escola desenvolveu pelo exercício da mão sobre o papel bem como destacar diferentes maneiras de uso desse material por parte dos alunos. Se na década de 1930, os apontamentos presentes no caderno de Admar mostram uma mescla de registros compostos por cópias de sentenças, de citações e de *pontos* escolares pautados no ideário republicano; na década de 1990, em contrapartida, o caderno escolar de Luana se constitui como documento autobiográfico portador de histórias de vida reveladas e documentadas por imagens fotográficas. Em seu entrecruzamento, as autoras interpretam estes materiais como objetos de cultura escolar portadores de relações de continuidades e descontinuidades bem como evidenciam tramas de similitudes e contrastes (organização gráfica, ordem, caligrafia, imagens, conteúdos) que os constituem. Estudá-los permitiu ampliar o conhecimento da relação da escola e dos alunos com as múltiplas funcionalidades e materialidades do escrito.

A proposta de Dislane Zerbinatti Moraes no artigo “Uma improvável escrita de si: lembranças e materialidades em memórias de alunos da Escola Waldorf” é efetuar a contextualização dos usos e significados de cadernos escolares, por meio da análise de memórias de alunos. Para tanto, analisou, também, os cadernos propriamente ditos, nos seus aspectos materiais, de condições de escrita, marcas autobiográficas, escolares e sociais. A autora assinala que a idéia de improbabilidade deriva das circunstâncias específicas com as quais se deparou quando iniciou a

pesquisa. A Pedagogia Waldorf, – que na sua filosofia de ensino, propõe métodos ativos –, não favoreceria o estudo de cadernos escolares. No entanto, os cadernos encontrados são evidências do uso imprevisto deste objeto da cultura material escolar, qual seja: os cadernos se constituem no único material didático de que os alunos dispõem. Eles são elaborados durante as aulas, a partir da exposição oral dos professores, diálogos e formas de entendimento subjetivas dos alunos. Cada caderno contém o conteúdo, as práticas escolares e a recepção individual do aluno. Assim o caderno corresponde a uma totalidade singular de experiência escolar. Não apresentam, nesta medida, um modelo regular e regulado de escrita. Os alunos desenham, selecionam figuras, frases e organizam os traços e palavras nas páginas segundo seus próprios critérios e criatividade.

Marta Maria de Araújo em “Escritas de índios em folhas de papel branco-linho”, faz um recuo no tempo e parte de uma indagação: Confeccionados para escrever letras do alfabeto, nomes, frases, cópias, ditados, composições e translados, os cadernos são suportes-comuns nos exercícios escolares das crianças-alunos? Respondendo à questão formulada, ela afirma que, certamente, os índios-alunos das chamadas Aldeias de El-Rei, pertencentes à Capitania do Rio Grande do Norte, não possuíam cadernos. Nessas aldeias, entre aproximadamente 1678 a 1762, padres jesuítas e frades carmelitas cumpriram *Missões de Aldeamento* em Guajiru (transformada em Vila de Estremoz), Guaraíras (Vila de Arez), Igramació (Vila Flor), dentre outras. Para moldar a alma plástica dos índios para o serviço do amor a Deus e aos monarcas portugueses, padres jesuítas e frades carmelitas instalaram escolas de primeiras letras anexas à catequese. Os

exercícios escritos em folhas avulsas de papel branco-linho, que antecederam os cadernos escolares, especialmente dos índios-alunos da Vila de Estremoz (1760) e da Vila de Arez (1760), constituem-se em vestígios documentais imprescindíveis ao conhecimento das lições ensinadas, dos suportes da escrita, das habilidades escriturárias desenvolvidas e das sensibilidades tecidas. Nesses exercícios escritos, os ensinamentos dos deveres espirituais para com Deus entrecruzavam-se com os deveres temporais do índio para consigo mesmo e ainda para com outros cristãos. Os índios exercitavam a arte de escrever corretamente e exemplarmente e ainda aprenderiam a escolarizar-se pelas primeiras letras escritas sobriamente, com pena portando tinta preta. A sua análise sugere pensar que os próprios cadernos têm uma história associada tanto aos avanços tecnológicos como à valorização dos indivíduos, a partir de determinadas teorias e práticas pedagógicas que colocaram o aluno no centro do processo ensino-aprendizagem.⁸

O terceiro conjunto de textos se volta para os percursos de formação na escrita autobiográfica. Um deles emerge da leitura de cadernos garimpados no arquivo pessoal da própria pesquisadora, que discute a sua particular relação com o mundo da escrita e sua trajetória escolar. Aspectos da (auto) formação na escrita (auto) biográfica também emergem em outras análises voltadas para os cadernos escritos por professoras. Memoriais e diários escritos nos cadernos escolares examinados permitem pensar em diferentes usos deste suporte da escrita. Convertidos em *objetos-memória* – aqueles que, na acepção de John Kotre (1997), servem de suporte para a

⁸ Ver: FERNANDES, R. (2008).

recuperação de lembranças evitando que elas desapareçam ou se deterioreem – também sinalizam para a permanência da escrita manuscrita em tempos de escrita digital.

No texto “Cadernos escolares em arquivos pessoais: mistérios da ‘caixa de pandora’”, Inês Ferreira de Souza Bragança conta que desde menina se viu envolvida com a construção de um *arquivo pessoal*, um *coisário* que comporta pequenas e diversas lembranças, cartas, fotografias e cadernos escolares. A oportunidade de rever os cadernos produziu uma intensa mobilização, instigada pela possibilidade de reabrir os arquivos que, como a “caixa de Pandora”, envolvem o mistério, a busca do novo. Seu movimento de análise foi restrito à trajetória escolar, dos primeiros anos do Ensino Fundamental ao Curso Normal, entre as décadas de 1970 e 1980. De um conjunto de vinte e nove cadernos, selecionou quatro, representativos das diversas etapas. A narrativa autobiográfica proposta tem como objetivo, para a autora, dar visibilidade à contribuição da experiência escolar na tessitura da biografia educativa docente e à centralidade dos tempos de escola, como tempos de formação para a vida, procurando realçar, também, as tensões que entrelaçam história de vida, realidade sócio-histórica e concepções educativas.

A escrita permeia a nossa vida, mas nos tempos de escola ela ganha uma especial importância, pois nessa época, além de aprendermos a escrever, construímos sentidos para escrita que podem nos aproximar ou distanciar dela. Partindo dessa compreensão, Ecleide Cunico Furlanetto, em “A relação com a escrita: a tensão entre caminhar para o outro e para si” se volta para textos escritos na escola, guardados em cadernos, agendas, boletins. Ao serem re-lidos eles

permitem, como assinala, uma maior compreensão de como os sujeitos tecem sua relação com a escrita e de como a utilizam. Com base em uma re-leitura de dez cadernos, seis agendas-diários e seis boletins contendo auto-avaliações, pertencentes a uma aluna e escritos durante os anos de 1982 a 1992, anos em que cursou o Ensino Fundamental e Médio, ela pretende tornar visíveis algumas dimensões do processo de construção da relação com a escrita. A autora daqueles escritos de infância e de adolescência foi convidada a participar da re-leitura do material. Pesquisadora e sujeito de pesquisa puderam recuperar experiências, dialogar e elaborar um ponto de vista conjunto para o sentido que a escrita assumiu nos tempos de criança e assume, atualmente, na vida da mulher adulta. Ao olhar para esses múltiplos espaços e tempos de escrita, foi possível observar a existência de uma tensão entre a repetição e a autoria que abarca outras tensões, tais como: entre a obrigação e o desejo, entre a presença de modelos e a criação, entre o prazer e o desconforto.

Maria da Conceição Passeggi e Tatyana Mabel Nobre Barbosa, em “Esboços de si: escrita autobiográfica em cadernos” fazem uma instigante reflexão sobre quatro cadernos escolares escritos, em 1999, numa instituição de ensino superior, em Natal-RN. Estes cadernos constituem uma amostra do processo de elaboração e acompanhamento dos *memoriais de formação* e fazem parte do acervo das pesquisas que desenvolvem sobre a escrita (auto) biográfica na formação docente. Três deles são de uma aluna, professora do ensino fundamental, e o quarto de uma professora orientadora de memorial na instituição. Diferentemente de outras escritas

autobiográficas, onde o autor se coloca em cena por sua própria iniciativa, como os diários, autobiografias e cartas, por exemplo, o interesse dos memoriais é que eles são escritos a pedido da instituição como um exercício de reflexão sobre a formação docente. Essas narrativas descortinam o mundo escolar e retraçam o caminho percorrido pelos autores para se tornarem professores, contam a história de suas aprendizagens, fracassos, medos e conquistas em instituições escolares, onde estudaram e lecionaram, discutem formas de ser de seus professores e alunos, seus dilemas e projetos do ofício de professor. Os cadernos da aluna são rascunhos de seu memorial. Eles ajudam a perceber as diferentes etapas de suas interrogações sobre a trajetória docente. As supressões, acréscimos e releituras, que realiza ao longo das três versões manuscritas do seu memorial, evidenciam o trabalho biográfico sobre as memórias da infância escolar e docente e constituem a matéria prima que vai sendo burilada no processo de (re) conhecimento de si. Preenchendo e abandonando cadernos, ela se rediz com outras palavras, busca outros sentidos em cada novo esboço de si. No caderno da orientadora, são encontrados os planejamentos e registros das atividades de orientação do memorial que revelam a intimidade da tarefa de acompanhar os alunos na aventura da escrita e reescrita de si.

Finalmente, no texto “Entre a tinta e o papel: escritas e pesquisa em diários de formação”, Elizeu Clementino de Souza discute dimensões teóricas, epistemológicas e metodológicas das escritas ordinárias e, mais especificamente, dos diários como perspectiva (auto) formativa no campo da formação de professores. Toma como corpus de análise – cadernos de formação – em

forma de diários, escritos por professoras em processo de formação inicial, no campo do estágio supervisionado no Campus I/Universidade Estadual da Bahia (UNEB), que expressam dispositivos pedagógicos e rituais vividos no cotidiano escolar e revelam experiências que demarcam as histórias de vida de cada sujeito e seus singulares percursos de formação e auto-formação.

Assim como os gestos de recolher, ler, reler, interpretar e exibir antigos cadernos, os textos produzidos para a exposição, que integram este catálogo digital, pretendem dar visibilidade a um objeto que tem permanecido à sombra e, deste modo, contribuir para socializar as pesquisas sobre cadernos escolares como fonte/objeto de pesquisa; divulgar a importância da aprendizagem e exercício da escrita (auto) biográfica produzida no espaço escolar; disseminar a relevância da preservação da memória escolar; e, valorizar a escrita das pessoas comuns, em especial, a dos alunos das escolas brasileiras que, tradicionalmente, não é considerada relevante para estudos, exposição e guarda.

Referências bibliográficas

- BUKIET, Suzanne e MEROU, Henry. *Nos cahiers de la Republique*, Paris: Editions Alternatives, 2000.
- CHARTIER, Anne-Marie. Um dispositivo sem autor; cadernos e fichários na escola primária. In *Revista Brasileira de História da Educação*. Editora Autores Associados/SBHE, jan./jun. 2002, n.º. 3. pp. 9-26.
- FERNANDES, Rogério. Um marco no território da criança: o caderno escolar. In. MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org) *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, pp. 49-68.
- GRUNSTEIN, Rachel, MEROU, Henry e PECNARD, Jérôme. *Nos cahiers d'enfance*, (Collection Notre école) . Paris: Les arènes, 2007.
- _____ e PECNARD, Jérôme, *Chers cahiers* . Paris, Paris: Les arènes, 2002.
- GVIRTZ, Silvina. *Del curriculum prescripto al curriculum enseñado: una mirada a los cuadernos de clase*. Buenos Aires: Aique, 1997.
- _____. *El discurso escolar a través de los cuadernos de clase. Argentina: 1930 y 1970*, Buenos Aires: Aique, 1999.
- HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX-XX). In *Revista Brasileira de História da Educação*, janeiro/junho 2001, n. 1, pp. 115-141.
- JULIA, Dominique. Documenti della scrittura infantile in Francia. In ANTONELLI, Quinto e BECCHI, Egle (a cura di). *Scritture bambine. Testi infantili tra passato e presente*. Roma-Bar, Laterza. 1995, pp. 5-24.
- KOTRE, John. *Luvas brancas: como criamos a nós mesmos através da memória*. São Paulo: Mandarim, 1997.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org) *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

_____. Da gaveta à vitrine: exposições sobre escrita. In: SOUZA, Elizeu Clementino e ABRAHÃO, Maria Helena. (Orgs.). *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 207-224.

_____. *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: Rede Sirius, 2003.

OSSANA, Edgardo O. El problema de la letra en la escritura: la escuela entrerriana a comienzos del siglo XX. In: CUCUZZA, Héctor Rubén (dir.) e PINEAU, Pablo (codir.). *Para uma historia de la enseñanza de la lectura y escritura en Argentina: del catolicismo colonial a La Razón de mi vida*. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2002, pp. 213-228.

PERRENOUD, Philippe. *Ofício do aluno e o sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora, 1995. cap. 4. pp. 94-117.

VIDAL, Diana Gonçalves. Fim do mundo do fim: avaliação, preservação e descarte documental. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (org) *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000, pp.31- 44.

VINÃO FRAGO, Antonio. La memoria escolar: restos y huellas, recuerdos y olvidos. Múrcia: (Trabalho apresentado em congresso na Itália). 2005, (mimeo).